



## O SEQUESTRO DO SANTA MARIA

### João Alberto da Costa Pinto<sup>1</sup>

Resenha do livro de Ludenbergue Góes, *O sequestro do Santa Maria: um sonho de liberdade*. São Paulo: Cia dos Livros, 2011, 272 p.

Na madrugada do dia 21 de janeiro de 1961, vinte e quatro indivíduos saem das suas cabines carregando pistolas e umas poucas metralhadoras para ocuparem estrategicamente o tombadilho do navio e garantir assim, com segurança, a invasão da sala de comando. Em poucos minutos, depois de disparados alguns tiros, com um membro da tripulação ferido mortalmente e outros dois com ferimentos leves, o navio estava tomado, sequestrado. Começava assim a *Operação Dulcinéia*. O navio sequestrado pelos vinte e quatro comandos “guerrilheiros” era o Santa Maria, o maior e mais importante transatlântico pertencente à Companhia Colonial Portuguesa e que diante das circunstâncias políticas do sequestro representava nas águas internacionais do Oceano Atlântico um insurrecto território português antifascista. O sequestro do navio foi um dos mais expressivos ataques políticos ao regime fascista de António de Oliveira Salazar. E é do “assalto” ao Santa Maria, da organização e realização da *Operação Dulcinéia*, das premissas e das consequências políticas dos fatos, das trajetórias, perspectivas e destinos dos personagens envolvidos, que trata o livro de Ludenbergue Góes – *O sequestro do Santa Maria: um sonho de liberdade* (2011).

<sup>1</sup> Professor adjunto da Faculdade de História da UFG. E-mail: <joaoacpinto@yahoo.com.br>.

A publicação do livro tem o evidente propósito de marcar a efeméride dos cinquenta anos do sequestro do Santa Maria, mas é muito mais que uma excepcional narrativa dos fatos, trata-se, antes de tudo, de um resgate histórico da trajetória daquele que foi um dos personagens centrais na *Operação Dulcinéia* – o nacionalista galego Pepe Velo. Ao resgatar o protagonismo histórico de Pepe Velo, o autor faz um acerto de contas com a memória histórica construída em torno da *Operação Dulcinéia*, memória que tem consagrada de modo exclusivo a figura histórica do intelectual português, Henrique Galvão (católico liberal) em detrimento das demais.

Com o sequestro do navio português, Henrique Galvão tornou-se internacionalmente conhecido na sua luta contra o fascismo de Salazar em Portugal. O ex-funcionário do regime salazarista que tivera cargos administrativos em Angola, então colônia de Portugal, era àquela altura também um escritor de destaque pelas suas obras – romances e ensaios políticos – que tratavam de assuntos coloniais. No final da década de 1940 abjurou o salazarismo passando à defesa da reconstituição política da democracia em Portugal, assim como a defender o autonomismo nacional para as colônias portuguesas em África, especialmente Angola. Foi através da imprensa brasileira, notadamente no jornal *O Estado de S. Paulo*, numa série de sete artigos publicados em fevereiro e março de 1961, que Henrique Galvão desenvolveu uma interpretação da *Operação Dulcinéia* que se fez como versão oficial para a historiografia. As participações de Pepe Velo e Jorge de Sotomayor (pseudônimo de José Fernando Fernandez Vásquez, ex-oficial da marinha espanhola), são completamente ignoradas. Foi Pepe Velo quem organizou a *Operação Dulcinéia* como ato político de oposição aos fascismos ibéricos (Salazar em Portugal e Franco em Espanha), como uma ação institucional do Diretório Revolucionário Ibérico de Libertação (DRIL)<sup>2</sup>, fundado na cidade de Caracas, Venezuela, quando ali estava como exilado político. Pepe Velo é solenemente ignorado na versão que Henrique Galvão elabora nas páginas do jornal paulistano.

---

<sup>2</sup> Sobre a trajetória política de Pepe Velo e a organização do DRIL em Caracas, consultar o minucioso estudo de Antón CORBACHO QUINTELA (2009). Uma breve apreciação historiográfica do legado político de Henrique Galvão e das oposições democráticas a Salazar pode ser consultada em Heloísa PAULO (2011). É muito extensa a bibliografia sobre a trajetória de Henrique Galvão, uma rápida apreciação da mesma e muito bem feita, pode ser conhecida em João Alves das NEVES (2009).

O livro de Ludenbergue Góes tem o mérito historiográfico de recuperar o complexo espectro político das oposições democráticas aos fascismos ibéricos, e assim recuperar a centralidade política de PepeVelo quando da organização do DRIL e dos preparativos para a *Operação Dulcinéia*. O livro apresenta uma exposição didática dos contextos históricos dos fascismos ibéricos consolidados institucionalmente na década de 1930, apresentando a seguir as trajetórias históricas de alguns dos principais quadros políticos e intelectuais das oposições democráticas (liberais e comunistas) em resistência a esses fascismos. Desse amplo quadro temos informações bastante detalhadas da trajetória política e intelectual de PepeVelo e a sua luta por uma “Hespanha” que integrasse todas as variáveis nacionais da península ibérica, Portugal e Espanha integrados, sendo a Galícia perspectivada como uma ponte mediadora de ambos os trajetos nacionais. Ao projeto político de PepeVelo somaram-se outras trajetórias, especialmente a de Jorge de Sotomayor (oficial da marinha espanhola, comunista e membro do Partido Comunista Espanhol que abandonou por discordar da política reformista do partido quando da liderança de Santiago Carrilo; participou ativamente da fundação e das ações de guerrilha insurrecional do DRIL). Foi Sotomayor quem conduziu o Santa Maria em manobras espetaculares de fuga pelo Atlântico, quando os “terroristas” eram perseguidos pela ação conjunta das Marinhas e Forças Aéreas de vários países (EUA, Canadá, Portugal, Espanha, Holanda). Ainda assim, o Santa Maria escapava de todos e apenas alguns dias depois do sequestro é que foi encontrado por acaso por um navio da marinha mercante dinamarquesa. Quando se acreditava que o Santa Maria fosse desviado para Cuba, os comandos da Operação Dulcinéia o levavam para a África, mais precisamente para Luanda, capital de Angola.

No seu projeto político, na sua utopia nacionalista, PepeVelo vislumbrava que a “Hespanha” (com ‘H’), deveria ser a federação de todos os povos da península ibérica, com Portugal incluído, afirmava que a luta para derrubar as ditaduras de Salazar e Franco deveria ser “ibérica”, abrangendo todas as nações da Península (p.33). Contrário à política dos partidos comunistas em Espanha e Portugal (políticas reformistas de não conflito com o fascismo), PepeVelo propunha outras formas de luta que acelerassem a queda dos fascismos ibéricos, para tanto é que se resolveu pela organização do DRIL que defendia a luta direta “sem ser um partido de ideologia específica”, mas inserido no “espectro ideológico da esquerda” (p.34), não se vinculando e muito menos se subordinando à União Soviética. O DRIL tinha como lema – “Liberdade e Justiça ou Morte” – e afirmava-se como um movimento insurrecional,

e não terrorista como foi acusado quando promoveu dois atentados a bomba em cidades espanholas (p.34).

O DRIL tal como foi pensado e organizado por Velo afirmou-se como um movimento patriótico, “nacionalista no sentido revolucionário” com uma posição de neutralidade na conjuntura da Guerra Fria “ante o antagonismo existente entre as grandes potências” (p.38). Com o propósito de defender o princípio nacional-ibérico é que Velo convida Henrique Galvão e o General Humberto Delgado para compor a organização do DRIL em Caracas. Em Portugal, Humberto Delgado havia sido candidato de oposição ao salazarismo nas eleições presidenciais de 1958. Derrotado, o “general sem medo” como era conhecido, parte para o exílio no Brasil. Foi assassinado em 1965 na Espanha por agentes da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), a polícia fascista de Salazar.

Acertado o acordo com os portugueses, Pepe Velo tornou-se o diretor geral do DRIL e a base do mesmo estabeleceu-se em Caracas, cidade que abrigava muitos exilados políticos oriundos de Espanha e Portugal. Foi durante o segundo semestre de 1960 que Pepe Velo, Sotomayor, Henrique Galvão e Humberto Delgado organizaram em detalhe a *Operação Dulcinea* cujo conteúdo fundamental era o sequestro do Santa Maria (a escolha desse navio deu-se porque tinha no seus itinerários de viagens, frequentes paradas em Caracas e em outras cidades do Caribe, quase sempre o itinerário era Lisboa-Miami, viagem que durava vinte e um dias, com várias escalas de embarque e desembarque). O DRIL escolheu Henrique Galvão como líder e porta-voz no ataque ao navio porque o mesmo, por ter bandeira portuguesa, seria então, à luz do Direito Internacional, considerado território português em insurreição anti-fascista. Na tomada do navio, Pepe Velo e Henrique Galvão desentendiam-se sistematicamente com a organização, o autor descreve em detalhe os fatos diários internos ao sequestro e mostra-nos um Pepe Velo sempre a atenuar os arroubos e desarranjos de Henrique Galvão. O fato é que com o resultado dos acontecimentos (os comandos do DRIL entregaram-se às autoridades do governo brasileiro no dia 02 de fevereiro rendendo o navio português na cidade de Recife, um dia após a posse do presidente Jânio Quadros, que em negociações anteriores com Humberto Delgado [exilado no Brasil] garantira tanto a rendição como o asilo político a todos os comandos do DRIL). Da enorme

repercussão na imprensa que teve o sequestro, conforme afirma o autor, Henrique Galvão acabou de uma maneira oportunista por se assumir como o líder da *Operação Dulcinéia*. Nas suas entrevistas e artigos, os nomes de Pepe Velo e Sotomayor não são mencionados. Henrique Galvão faleceu no Brasil em 1970, e o assalto ao Santa Maria permaneceu associado quase que exclusivamente ao seu nome e trajetória, com o legado de Pepe Velo lançado ao esquecimento.

Reconstruir em detalhe todo o processo de organização da *Operação Dulcinéia*, descrever minuciosamente o dia a dia da aventura dos comandos do DRIL no controle de um navio com mais de seiscentos passageiros a bordo, apresentar e documentar o efetivo papel da liderança de Pepe Velo, assim como o de Jorge de Sotomayor, são esses os principais e fundamentais termos deste excelente livro de Ludenbergue Góis que todos deveriam ler.

### **Referências**

CORBACHO QUINTELA, Antón. José Velo e o DRIL. In CORBACHO QUINTELA, Antón. A aculturação e os galegos do Brasil: o vazio galeguista. Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Filologia, Departamento de Filologia Galega. TESE DE DOUTORADO, 2009, p. 441-465. Disponível em: <[http://www.galizalivre.org/sites/default/files/noticia/2011/01/Jos%20Velo%20e%20o%20DRIL\\_Antom%20Corbacho%20Quintela.pdf](http://www.galizalivre.org/sites/default/files/noticia/2011/01/Jos%20Velo%20e%20o%20DRIL_Antom%20Corbacho%20Quintela.pdf)>.

NEVES, João Alves das. Henrique Galvão, escritor e político. *Jornal O Estado de S. Paulo*, 26 de junho de 2009, p.A2. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/acervo>>.

PAULO, Heloísa. 1961: o assalto do Santa Maria e o desmoronar do regime salazarista em Portugal. In *História Revista*, volume 16, n. 01, Goiânia, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Julho de 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/14704/11050>>.